

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	13300 "
Trimestre ou 13 ".....	7000 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—5 DE JUNHO DE 1881—N.º 16 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	40000 "
Trimestre ou 13 ".....	20000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

Gravuras:— O theatro de polichinello; Fonte publica no Oriente; Domingo pela manhã. Um manuscrito do Pentateuco.
Texto:— Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Portugal velho, por Delphim d'Almeida; Rosicler, p.º Pinto Ribeiro; Dividas do coração, trad. de Passos Valente; Horas de ocio; O domingo dos bebés; Sobremezra; Atravex da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro.

ACTUALIDADES

Sabem porque é que, entre todos os assumptos que eu podia escolher para esta secção, fui

façam rir. O melodrama para mim é a farsa chegada ao ideal da perfeição. Fico triste semanas inteiras quando leio as peças de Victor Hugo, e que me vejo forçado a admirar-as, quando tenho

gar dos meus principios, e a entusiasmar-me com aquelles venenos e contra-venenos dramaticos, que nauseiam mais os espectadores do que os personagens destinados a serem victimas no



O THEATRO DE POLICHINELLO

exacamente procurar um dos menos importantes, a simples *reprise* de uma velha parodia desconhecada—a *Lucrecia Borgia*? Foi porque me trouxe à memoria uma das scenas mais divertidas da minha vida, uma recita da *Lucrecia Borgia* a que assisti no theatro lyrico do Porto ha já bastantes annos. Eu não gosto de ouvir melodramas que me não

de me eulevar no inimitavel lyrismo d'aquelles dialogos, quando tenho de assistir com uma seriedade quasi commovida à carnificina final do *Hernani*, às tyrannias de *Angelo*, aos envenenamentos de *Lucrecia Borgia*.

A musica admiravel, com que Donizetti ornou aquellas scenas tremebundas, obriga-me a rene-

palco do inoffensivo licôr, elevado por decreto do contra-regra à cathegoria de *aqua-tofana*.

Pois eu vi a *Lucrecia Borgia* no Porto, em tempo, nas condições que eu desejava, como um melodrama comico tenebroso. Morria tudo, e a musica de Donizetti, que se ia metter n'essas danças, não escapava da sorte.

Ainda me lembro da minha impressão quando se ergueu o panno. Estávamos em Veneza, n'uma Veneza economica, e onde a iluminação a *giorno* se escondia para não deslumbrar os espectadores n'uma enfiada de balões que fariam a alegria do rapaz, que se atropella nas feiras á porta da maravilhosa barraca da mulher electrica. Terraço gradeado que estava reclamando imperiosamente a apparição do cão de fila para defender a entrada d'aquella horta, onde as flôres das melodias mostravam as mais pronunciadas tendencias para os prosaicos rabanetes. Eis o sitio onde se desenrolava a pavorosa scena do baile de mascaras.

Eu devo confessar que a *Lucrecia Borgia*, como foi então representada, era muito mais verosímil do que quando foi cantada em Lisboa pela esplendida e juvenil Borghi-Mamo. Quem é *Lucrecia Borgia*? É uma quarentona, viúva de tres maridos auctorisados e de muitos outros extra-officiaes, mulher de um quarto marido, mãe do latagão de um tenor, que já sahio ha muito tempo das faixas infantis, fatigado de crimes e de devassidões. Como querem por consequente os leitores que esta professora jubilada de envenenamentos conserve a frescura de voz de uma educanda? que este mocho do cemiterio melodramatico desprenda em scena os flebeis gorgeios de um rouxinol novo? Impossivel! completamente impossivel!

Sabem quem era a *Lucrecia Borgia* no theatro de S. João? Era uma tal Chiaramonte que Ramalho Ortigão pateára energicamente, como elle ainda ha poucos dias contou n'um folhetim da *Gazeta de Noticias*, transcripto pelo *Diario da Manhã*, era essa gorda Chiaramonte, que fôra o idolo dos portuenses no tempo em que Ramalho a pateára, mas que já declinára bastante no tempo em que eu a vi. Essa estava perfeitamente nas condições desejadas. Não tinha frescura a sua voz. Se o bafio não salteiasse as *Lucrecias Borgias*, como havia de triumphar a virtude? Até me pareceu que era uma offensa á moral a gordura do possôo tão carregada de assassínios. É gordo o vicio, é magra a virtude! Se a Violeta da *Traviata* se não arrependesse, morria de hydropisia em vez de morrer de physisca. Quem tem maus figados dispensa os de bacalhau. Será esta a verdade, mas o theatro não deve auctorisar essas coisas. Em nome da moral ultrajada, deviam os empresarios dos theatros lyricos juntar á opera de Donizetti uma scena supplementar onde se visse Satanaz ao fundo espremendo *Lucrecia Borgia* até a espalmar de todo.

O tenor chamava-se Conti. Se elle cantasse bem nunca a plateia se poderia convencer de que Gennaro era effectivamente filho de *Lucrecia Borgia*. Fôra n'isto escrupuloso o empresario. Attendera á degeneração das raças, e, dispondo de uma *Lucrecia Borgia* mediocre, não se pôde dispensar de apresentar um Gennaro ainda peor. Alfonso d'Este, que tem por costume ser baixo-profundo como tyranno que é, tivera d'esta vez um lampejo de misericórdia. Para não fulminar de todo a criminosa esposa, transformou-se em barytono, e, não querendo parar em tão bom caminho, abrandara a voz a tal ponto que a orchestra abafava a cada passo os rugidos d'aquelle inoffensivo tyranno. Era um leão com mordaca e com as unhas cortadas. Era um tyranno bom rapaz, um burguez que se queria dar ares de senhor despótico, e cuja gesticulação assustadora era auxiliada por uma vózinha de alferes de milicias.

Assistindo-se ás scenas terríveis que se passam entre os dois esposos, julgava-se assistir a uma discussão de *ménage* em que a esposa cosinheira, de abanador em punho, procura imitar a Paladini, enquanto o marido de barrete de dormir e *cache-nez*, se entrega delirante á assanhada gesticulação de um actor da Rua dos Condes em alguma das façanhudas peças, que ainda de vez em quando constituem o seu repertorio a alternar com o *Tutti-li-mundi*.

Que recita e que noite! Eu não sei se cheguei a contar ao publico do Porto as impressões d'essa recita, a que assisti em vespersas de partir para Lisboa.

O que sei é que me deixou profundas impressões, impressões que ainda outro dia despertaram quando assisti a uma representação da parodia da *Lucrecia Borgia*, de que se fez reprise na Trindade. Ao ver Maria Joanna gargantear comicamente nas scenas mais terríveis do grande drama de Victor Hugo, lembrava-me da Chiaramonte, a gorda Chiaramonte a procurar fazer a serio as mesmas coisas. Sabem tambem quem era o Alfonso d'Este do Porto? Era Paccini, Paccini no ultimo periodo da sua carreira lyrica, Paccini sem voz, Paccini na transição de cantor para director de scena. Do tenor, o tal Conti, nunca mais soube. O que posso dizer é que o Gennaro da Trindade, Portugal, o deixava completamente a perder de vista, o que posso affiançar tambem é que a tal companhia do Porto não tinha um Maffio Orsini, tão gracioso, de voz tão agradável, e tão fina desenvoltura, como a *Lucrecia Borgia* da Trindade.

Vejam as coincidencias! Ha quanto tempo não falla ninguem em Portugal na Chiaramonte! A proposito não me lembro de que evoca Ramalho Ortigão a memoria da prima-donna. Esse folhetim e a *Lucrecia Borgia* acordam tambem as minhas apagadas reminiscencias, e assim a Chiaramonte volta, quinze annos depois, a ser uma actualidade.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O THEATRO DE POLICHINELLO. — É o grande personagem do theatro infantil, e é afinal de contas o eterno modelo de todos os personagens que fazem rir nos theatros a bandeiras despregadas o povo, essa eterna criança. Polichinello é o corcunda malicioso e gaiato que bate no commissario de policia. Ora desde Polichinello a desancar o commissario até á criada que nos *Jesuitas*, representados ha dois dias no Gymnasio, desanca o agente da companhia de Jesus, sempre uma sova dada a tempo n'uma pessoa grave excitou no mais alto grau a hilaridade das plateas. O que é o palhaço enfarinhado que administra uma bofetada supposta ao criado de casaca que vem varrer a arena, e o que é o Scapin de Molière que fustiga magistralmente Geronte metido n'um sacco? Descendentes em linha recta do velho Polichinello corcunda que nos theatros de titeres distribue as pauladas a torto e a direito, quando as não apanha tambem.

As crianças que a gravura representa assistem a uma d'essas deliciosas representações. O dono do theatro, indifferente á alegria que produz, enfastiado e aborrecido, procura na sua voz as conhecidas modulações comicas para imitar os guin-

chos de Polichinello, e a voz trémula da velha. As crianças, soffregas de brinquedo, contemplam com os olhos cheios de riso o maravilhoso espectáculo. A mãe, convalescente, olha com meia indifferença para tudo que se passa. As criadas, que nunca viram mais pomposa manifestação da arte, assistem com um prazer extremo; a criança pequenina, que ainda não conhece o riso, espanta-se, com os olhos meio desconfiados, e as figuras grotescas agitam-se de um modo estravagante, impellidas pelos dedos occultos do empresario. O quadro é completo, e cada figura tem a sua expressão propria e caracteristica.

FONTE PUBLICA NO ORIENTE. — N'um paiz onde a agua é uma necessidade e uma delicia, as fontes publicas são uns botequins gratuitos e ao ar livre onde todos se reúnem para o cavaco. Já serviram até, segundo nos conta a Biblia, para ajustes de casamento. Foi junto de uma fonte que Eliezer, o fiel servo de Abrahão, escolheu Rebecca para esposa do filho do seu amo, o famoso menino Isaac. Evidentemente nenhum dos personagens, que a nossa gravura representa, está tratando do seu casamento ou do casamento de outrem, mas occupam-se todos do assumpto do dia, e, enquanto o sol abrasa as estradas, esquecem-se, junto da frescura da fonte, na suave indolencia oriental, a tagarellar em coisas varias.

DOMINGO PELA MANHÃ. — Um interior hollandez! Refuz por toda a parte o accio meticuloso d'aquellas casas da Hollanda. Mesmo na gravura parece que se veem brilhar as paredes, e os moveis; salta aos olhos o desenhado vestido da criada que entretem o pequenino, enquanto a dona da casa, grave e serena, abre a sua Biblia e lê algumas paginas do livro.

Nada mais! O que impressiona porem n'este quadro de Alma Tadema, segundo dizem os que conhecem o assumpto que elle tracta, é a suprema verdade de todas as particularidades. É perfeitamente uma casa hollandeza que alli se vê, e basta notar na verdade a nitidez extraordinaria com que está expresso o accio bem característico d'esse povo septentrional, para se reconhecer a qualidade que se attribue ao quadro do pintor.

UM MANUSCRITO DO PENTATEUCO. — O Pentateuco é, como sabem, a collecção dos livros da Biblia que se attribuem a Moysés, a saber o *Genesis*, o *Exodo*, o *Levítico*, o *Numeros* e o *Deuteronomio*. Conhecem-se dois manuscritos do Pentateuco: um, o mais antigo, que é o que a nossa gravura representa, escripto em caracteres phenicios; o outro, o mais moderno, escripto em caracteres chaldaicos. Diz-se que o primeiro é anterior 3.200 annos á era christã, e o segundo 2.500. Devemos notar contudo que a sciencia hoje afirma positivamente que os manuscritos mais antigos sobem apenas ao 2.º século da era christã, a não serem alguns papyrus do tempo dos Ptolomeus, e por consequente muito mais moderno do que qualquer das datas attribuidas aos dois manuscritos do Pentateuco.

Os manuscritos antigos dispunham-se de duas formas, ou enrolados em tôros, e a esses chamavam os Romanos *volumina*, ou dispostos em folhas sobrepostas, como os livros modernos, e a esses chamavam-se *codices*. O manuscrito do Pentateuco, a que nos referimos, pertence á primeira d'essas especies.

PORTUGAL VELHO

COMO SE VESTIA UM CAVALLEIRO

(Conclusão)

Mas não era só a essa classe que se faziam concessões; também aos escudeiros e cavalleiros não nobres⁸ se lhes permitia usar de ouro, douradura ou latão polido, em certos ornatos, como se vê do seguinte artigo da mesma lei:

Outro sy mandou que se nom entenda esta ley em bordamento d'Armas, a saber de peças, coixotes, canelleiras e rebracos e avambracos e luvas que as possa todo o homem trazer, posto que sejam bordadas com latom collar d'ouro, nem outro sy em allatoamento de cotas, faldra e camaes, que esso mesmo as possam trazer em Jaques, e estolas, em que manda que possam trazer o dito velludo.

N'estas linhas se descreve a armadura, quasi completa, de um cavalleiro d'aquelle tempo, convindo notar, que já desde os fins do seculo anterior se havia operado uma grande transformação no armamento defensivo, substituindo-se os vestidos de malha de ferro, por outros feitos de laminas do mesmo metal, conformadas com as diversas partes do corpo, e ligadas entre si por meio de articulações. As varias peças da nova armadura se applicavam umas vezes as denominações da antiga, e outras vezes se adoptavam, para as designar, termos peregrinos, succedendo também variarem os nomes conforme o feitio das peças destinadas a defeza de qualquer parte do

corpo. A *capellina* e *bacinete*,⁹ por exemplo, parece serem uma e a mesma coisa, mas diferentes do *elmo* e da *barreta*, as quaes eram também destinadas, como aquellas, a defender a cabeça.¹⁰

Parece, contudo, que estas ultimas, não obstante serem diferentes entre si no feitio, eram ambos distinctivos dos nobres, pertencendo aos cavalleiros de espada d'ouro o *elmo*, e aos escudeiros fidalgos a *barreta*, que era, supponho, uma especie de bonnet de ferro, com malhas ou escamas do mesmo metal, apertadas debaixo da barbeta e destinadas a proteger parte do rosto e pescoço. Provavelmente uma modificação do *almofre* usado anteriormente pelos cavalleiros.

Dizia-se «armadura de todas as peças» quando se achava completa, mas o modo porque se emprega aquella phrase no trecho que transcrevemos, parece antes significar peças accessórias de outra principal, como, por exemplo, a *babeira* ou *canal*, destinadas a proteger o rosto, e que eram parte accessória do *casco*, *bacinete*, *elmo*, etc.

Notaremos de passagem, que se havia introduzido n'aquelle tempo a moda de se adaptar á parte superior do elmo um ornato de pennas finas, ordinariamente de garça; e por isso se denominavam entre nós esses ornatos *garçotas*,¹¹ nome que mais tarde foi substituído pelo de *cinzeiras*, do vocabulo francez *cinier*.

Camões, fallando dos companheiros de Magriço, diz:

Apercebem-se os ilozes em tempo breve
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, *cinzeiras*, letas e primores,
Cavallos e concertos de mil cores.

Voltando á armadura dos cavalleiros, procuraremos fazer uma succinta resenha das peças que a compunham. A cota (que depois se chamou também *courasa*, do francez *cuirasse*), era destinada a proteger o tronco do corpo, e ligava-se ao elmo por meio de uma peça, que defendia o pescoço, denominada *gorçilim*, e mais tarde *gorgeria*; também estavam ligadas com ella o *rebraco* e *avambraco*, ácerca dos quaes, assim como das *luvas*, são desnecessarias explicações. Entre a cota e os coixotes, destinados a proteger a parte superior das pernas, havia a *faldra*, laminas de ferro que ligavam aquellas peças, e protegiam o baixo-ventre. Entre os coixotes e as canelleiras, que resguardavam a parte inferior das pernas, havia as joelheiras,¹² que ligavam as duas peças.

Varias d'essas peças, taes como cotas, faldras, camaes, segundo indica a lei que acima citamos, costumavam ser *allatoadas*, isto é, guarnecidas com embutidos de latão.

⁸ Queixando-se os povos a el-rei D. Pedro I, nas Cortes d'Elvas, era de 1399, do abuso committido pelos alcaides de permitirem que alguns refreos trouxessem armas, em quanto que prohibiam o uso d'ellas a homens bons ricos e honrados, determinou el-rei que os aquantados podessem trazer canibais e loriga ou solhas e capellina ou bacinete e coquezares ou canelleiras e estolas sejam suas proprias, etc. (Vid. Visconde do Santarem, Theoria das Cortes Geraes, Parte 3.ª pag. 30).

⁹ A guarda do corpo de el-rei, composta de vinte cavalleiros ou escudeiros, da creanga de Sua Mercê, devia andar armada de cotas e barretas e braga e e lançar e espadas. (Cod. Alm. Liv. I tit. 31. § 6.º).

¹⁰ Elucid. de Vit. V. Ayrao.

¹¹ ... exceptis lorigas et lorigone, et genoleiras et effimo, et spada corporis mei etc. Codicillo de el-rei D. Sancho. (Vid. Elucid. de Vit. V. Lorigum).

Por baixo da armadura vestia-se um acolchoado (*inchimento*)¹³ que occupava o espaço entre o ferro e o corpo.

O jaqué era uma especie de gibão, fato curto, que se vestia por cima da armadura, e que segundo Ducange era quasi sempre guarnecido de pelles.

Quanto a *estola* ou *estolas*,¹⁴ ignoramos o que fosse.

Vejam os agora as penas com que era punida a contravenção. Primeiramente a perda da coisa defesa que fosse encontrada, e se o contraventor fosse cavalleiro de grande condição, pagava além disso mil libras pela primeira vez, para el-rei; pela segunda duas mil, e pela terceira quatro mil, ficando á mercê do Senhor Rey para lhe dar pena qual entender. Se o contraventor fosse de pequena condição, era logo preso, cada vez que fosse apanhado em delicto de luxo, e ficava na cadeia esperando mercê d'el-rei.

DELPHIM D'ALMEIDA.

ROSICLER

Bella, eu lhe disse, no teu calmo gesto,
Todo o socego do teu peito leio;
Bardo, disse ella co'um sorriso honesto,
A lua é calma e tem vulcões no seio.

PINTO RIBEIRO.

D. SABINO DE GOICOECHEA

DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 118)

—E' uma creança, senhor! Uma creança, exclamou Maria interrompendo o silencio guardado havia momentos. Levaram-m'o á força, arrebataram-m'o dos braços; elle não queria ir...

Maria mentia, talvez inconscientemente, pois momentos antes dissera a Thereza, que o filho entrara nas fileiras carlistas cheio de enthusiasmo.

Qual seria, porém, a mãe que não faria o mesmo, se julgasse que mentindo, não uma, mas mil vezes, poderia diminuir pouco que fosse a responsabilidade de seu filho?

O coronel guardava silencio, porque não acertava com o meio de dizer á pobre mãe que não fosse cumprir a sentença dictada pelo conselho de guerra.

—Comprehendo, disse por fim, que a idade d'elle não era a mais propria para obrar com reflexão; desgraçadamente, porém, nada posso fazer em seu favor.

—Nada! exclamou a mãe, fitando-o com os olhos fóra das orbitas. E accrescentou:

—Se fosse pae... se tivesse um filho... comprehenderia então a dôr incomparavel que se encerra n'essa palavra.

—E quem lhe diz que não sou pae... que não tenho um filho e que não comprehendo a sua dôr? replicou o coronel com um tom em que era

¹³ Vid. supra n. 8. Regim. de D. Duarte.

¹⁴ Nas transcrições que fazemos do Cod. Alm. seguimos o texto publicado pela Universidade, onde se adverte que no codice de Santarem ha a variante: e *espadas*.

⁸ Acerca da cavallaria villã, nos primeiros tempos da monarchia, consulte-se a erudita e conscienciosa hist. de A. H. tom. III liv. 7.ª parte 3.ª Na epocha de que tratamos havia a distincção entre cavalleiros de espada dourada e cavalleiros acantheados, sendo aquelles os que entravam na ordem da cavallaria, mediante o cerimonial prescripto. Esses eram nobres; os segundos não pertenciam áquella ordem, mas eram feitos cavalleiros, e gozavam por isso de certos privilegios, em razão de terem bens de fortuna, bastantes para adquirir e sustentar cavallo de guerra e comprar, á sua custa, as competentes armas, como se deprehende da seguinte disposição do regimento dado pelo rei D. Duarte aos condes, acerca das continhas porque ham de ser lançados cavalos e armas em todos nossos Reynos. Diz assim a disposição a que alludimos:

«Na Cidade de Lisboa, e em toda a Estremadura os que tiverem bôes, que volham quarenta marcos de prata avaliados segundo Nós mandamos, ou mandarmos que valha, terão cavallos recebidos, e estas armas que se seguem, a saber, bacinete do canal, ou de bacinete, e cota, e londei, ou pratas, ou solhas e avambracos, e se tiverem londei seja d'aquelle pança, inchimento que proceir a seu dono.»

Os fidalgos não eram acantheados como se vê da seguinte disposição do mesmo regimento:

«Os moradores dos nossos Reynos, que per sy mantiverem casa, assy os casados como os solteiros, ou clérigos de Ordens Mores, afóra clérigos beneficiados, de ordens sagras, ou religiosos, cavalleiros, escudeiros nossos rasillos, ou outros escudeiros que posto que nom sejam vassallos, sejam homens fidalgos de padre, e madre, que per nossas cartas sejam avulsos por fidalgos, lances como estes mandamos que nom sejam avaliados.»

Quanto aos cavalleiros de espada dourada poderíamos citar muitos textos; limitam-nos hmos só a um relativo aos Reios ou duelllos:

«Nem deve ser outorgada a alguém pera retar outro, salvo sendo Cavalleiro de espada dourada, ou fidalgo de linhagem, ou de cota d'armas, e por tal conhecido por Nós, e nosso corte.»

difficil distinguir se dominava uma exprobração ou um grande pesar.

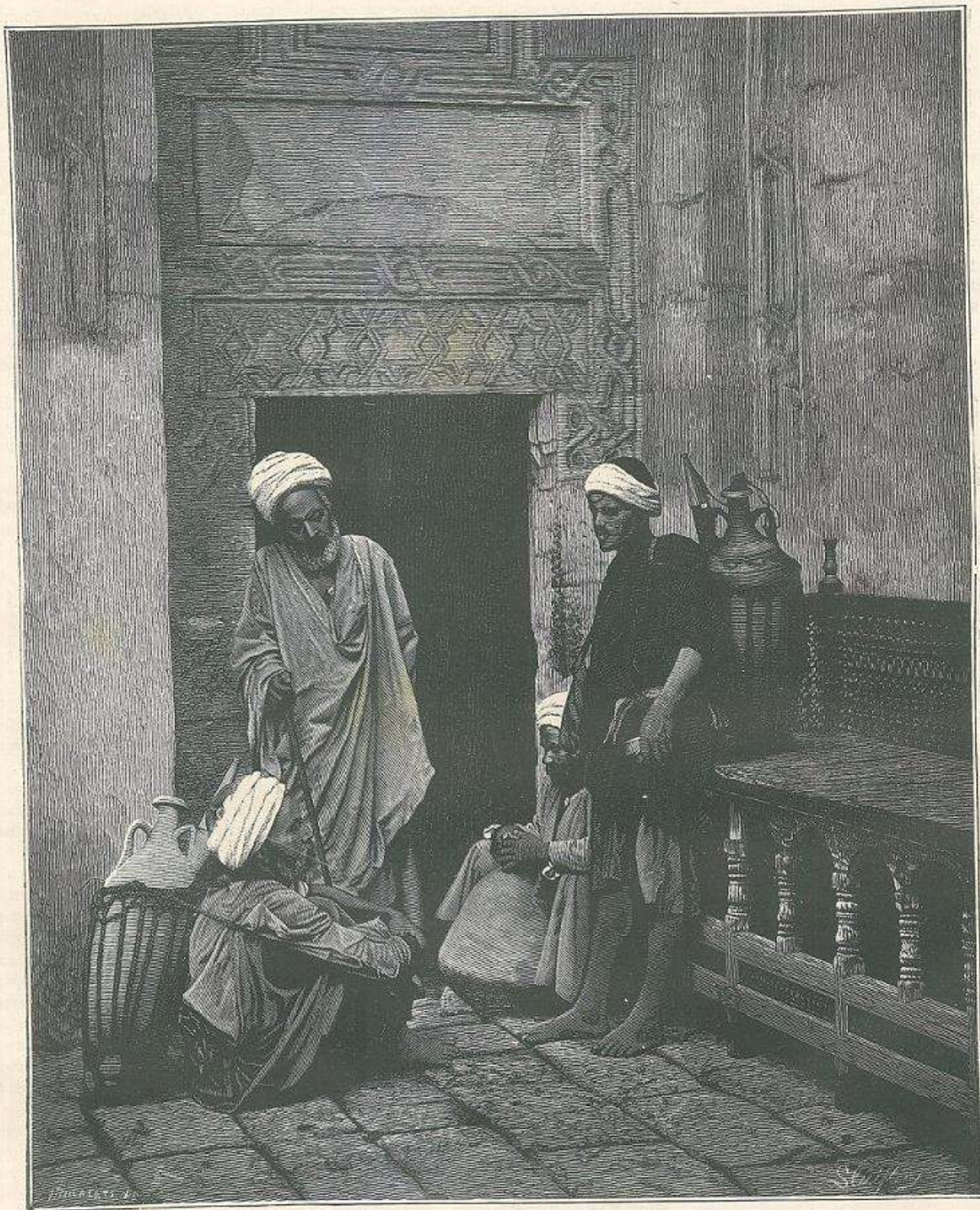
— Tem um filho?... então hade salvar o meu... Pois não é verdade que hade salvar o meu filho!... Filho!... Filho da minha alma!

posto que repetidas vezes a tivesse ajudado a levantar-se e a sentar-se.

Continuava a mãe soluçando, pendente de uma palavra de esperança que o coronel lhe dirigisse; este porém que não queria enganar a, pois sabia

me e pondo-se de pé com uma força superior á que podia supôr-se attento o estado de desfalecimento em que podia achar-se.

— Pois bem, espero ao menos que não me recusará o favor que lhe vou pedir.



FONTE PUBLICA NO ORIENTE

E ao soltar a mãe este ultimo grito d'alma, sentiu-se Alberto por tal maneira commovido, que, temendo não poder dominar-se, levantou-se e sahio furtivamente da sala.

O coronel não deu pela ausencia de Alberto senão um pedaço depois d'elle ter sabido; quanto a Maria nem se quer ainda tinha reparado n'elle,

que não havia remedio para o seu mal, e comprehendia que o desengano seria ainda mais terrivel para aquella desgraçada, tornou a dizer-lhe:

— Sinto profundamente a desgraça que a está ferindo; repito porém que nada posso fazer para a remediar.

— Nada! Pois bem, disse a mãe com voz fir-

— Conte que lh'o farei, se a realisação d'elle depender de mim unicamente.

— Depende de si... de si e de mais ninguem. Quero que me matem juntamente com meu filho; quero morrer com elle.

— Pobre mulher!... está louca! murmura o coronel.

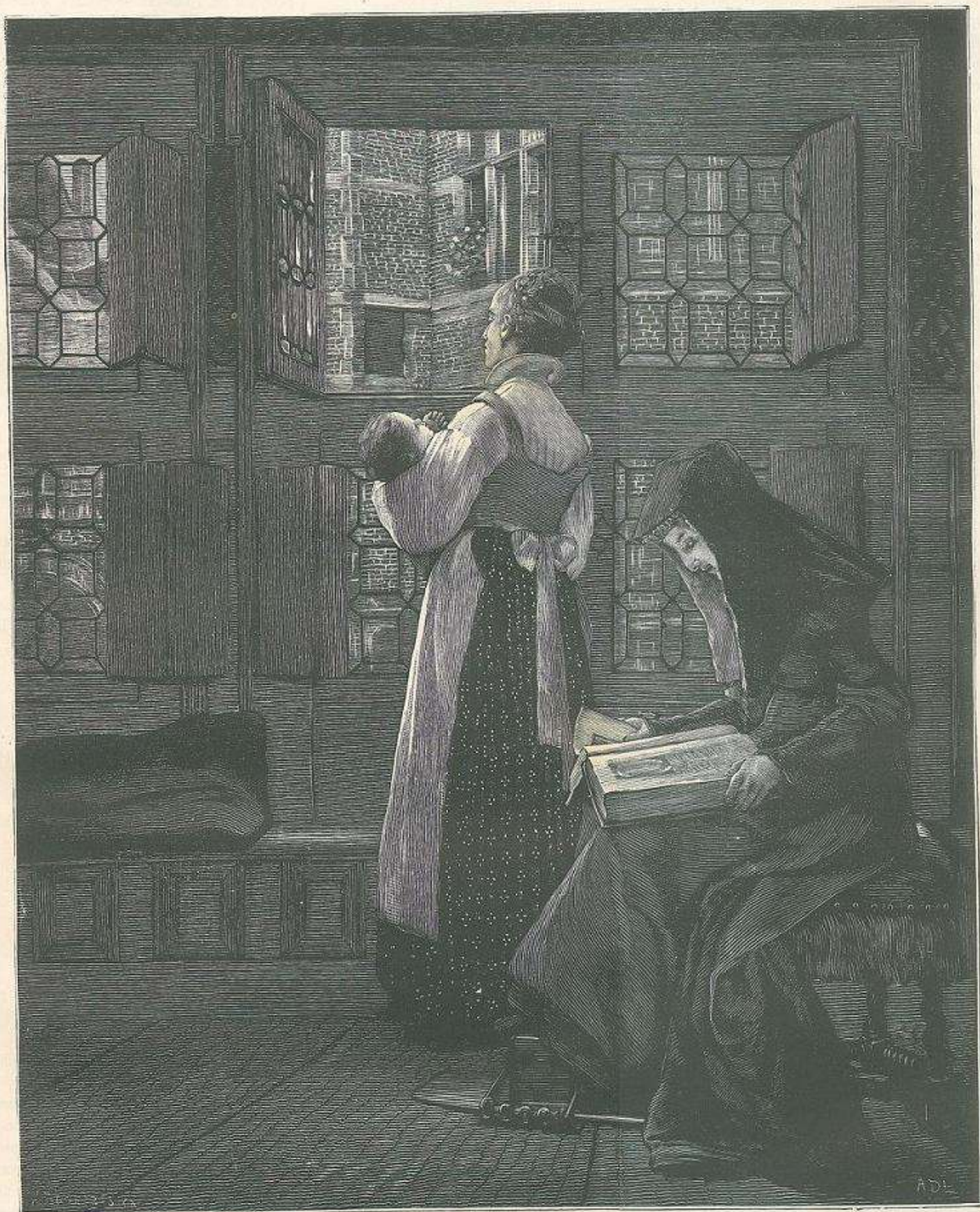
— Louca! louca!... Diz que é pae, e julga-me louca porque quero morrer abraçada ao meu filho! E saltando á infeliz já lagrimas para verter, soltou uma gargalhada nervosa.

— Então!... conforme-se com a sua sorte.

repetia Maria com pequenos intervallos, movendo a cabeça em signal de um profundo e terrível desengano, em quanto fixava os olhos languidos umas vezes, outras vezes ameaçadores, no rosto transtornado do coronel.

— Amanhã! amanhã!... É verdade, é amanhã que o meu filho...

E atacada de uma convulsão nervosa, cahiu de costas sobre o sobrado, fazendo tremer toda a casa.



DOMINGO PELA MANHÃ

— O que? Pois nem este favor me quer fazer? E tinham-me affiançado que possuia um coração bom e generoso!

O coronel começou a andar de um para outro lado da casa, procurando sacudir o peso de ferro que lhe esmagava o coração.

— Nem essa graça pois me quer conceder?

— Por Deus!...

— Não me falle em Deus!... é um sacrilegio invocar a Deus com a bocca e renegar-o com o coração.

— O estado de excitação em que se achava não lhe permite... Precisa descansar. Voltar para sua casa, e amanhã...

O coronel chamou apressadamente dois soldados, ordenando-lhes que levassem Maria para um dos cantos da casa, e que fossem sem perda de tempo buscar o cirurgião do regimento para cuidar d'ella, e que, quando voltasse a si, tratassem de a fazer saber da povoação com boas maneiras, pois temia, e não sem razão, que se ella estivesse

se em Nazar na occasião de se proceder ao fusilamento dos prisioneiros, podia ter logar alguma scena duplamente desagradavel.

Havia um quarto de hora que o coronel se achava só, sem conseguir recommençar os trabalhos interrompidos com a chegada de Maria, quando a porta se abriu de repente com grande estrepito, e appareceu Alberto offegante, coberto de suor, com os cabellos em desordem, a farda meia desabotada, e cheio de lama dos pés até á cabeça.

O coronel levantou-se assustado ao ver o filho n'aquelle estado, chegando a passar-lhe pela imaginação que o inimigo estava proximo. Machicalmente lançou mão das pistolas que estavam em cima da mesa e avançou para a porta.

— Onde está? foram as unicas palavras que Alberto ponde pronunciar, percorrendo com a vista toda a casa.

— Quem?... replicou o coronel sem comprehender o filho.

— A mulher que ha pouco aqui estava. Para onde foi ella meu pae?

— Ah! a pobre mãe do prisioneiro... Que quer dizer esse modo de entrar?

— O perdão!... o perdão!... e com o braço levantado mostrava um papel que tinha na mão.

O coronel apoderou-se d'elle e leu-o precipitadamente:

«Commuto a pena de morte na de liberdade absoluta ao prisioneiro... (seguia-se um espaço em branco).—Cabrega, 29 de dezembro de 1834.

— O general Oraa.»

Não adivinhava ainda o coronel o sentido completo d'aquelle escripto, até que acalmada a excitação do joven cadete, este explicou a seu pae em poucas palavras como havia chegado ao seu poder aquella ordem do general, que se referia ao filho da infeliz Maria.

(Continua.)

HORAS DE OCIO

Promettimos que não encheríamos esta secção unicamente com perguntas graves e historicas, e respostas a essas perguntas, que tambem de vez em quando abríamos a porta a outros jogos de espirito mais futeis, mas talvez ainda mais agradaveis; cumprindo a nossa promessa, entregamos ás meditações dos nossos leitores o seguinte:

PROVERBIO DOBRADO

Dados os nomes das seguintes terras portuguezas:

Benavente, Espozende, Santarem, Paredes, Obidos, Mertola, Sacavem, Agueda, Cintra, Cartaxo, Oleiros, Castromarim, Portalegre, Fundão, Ovar, Buarcos, Melgaço, Angeja, Tarouca, Sattam, Espinho, Albandra, Thomar, Penalva, Mantegás, Chamusca, Cezimbra, Caparica, Penella, Moita, Alverca, Niza, Caldas, Penacova, Veiros, Santa Combadão e Porto.

Formar um proverbio conhecido tirando uma letra a cada um dos nomes d'estas povoações, e formar depois outro proverbio tambem conhecido, tirando outra letra a cada um dos mesmos nomes.

Devemos advertir que no primeiro proverbio consideramos uma das palavras que o compõem escripta não segundo as mais perfeitas regras or-

thographicas, mas como muitos auctorisadamente a escrevem, tirando-lhe um *h* parasita que nada serve para a pronuncia.

ENIGMA

Sou sempre funesta,
mas muitos me adoram;
se me ganham, morro,
se me perdem, choram.

PARONYMIA

Com as seguintes onze letras

A, B, C, D, F, N, O, P, R, S, T

fazer oito palavras, que só diffiram entre si na primeira letra.

FANTASIA ARITHMETICA

Cem pessoas jantam n'um *restaurant*, e gastam apenas 4 libras, apesar dos preços estarem fixados antecipadamente da seguinte forma:

Cada homem paga nove tostões, cada mulher nove vintens, e cada criança dez réis.

Quantos eram os homens, quantas eram as mulheres, quantas eram as crianças?

PERGUNTA INDISCRETA

O que deve fazer uma menina solteira para encontrar um noivo?

Agora entretenham-se.

O nosso amigo o sr. A. d'O. enviou-nos uma carta em que vem um trecho que satisfaz completamente a curiosidade do perguntador *Eurico*.

«Agora enquanto ao assassinato do 3.º marquez das Minas. Foi morto porque levantou o bastão para D. João de la Cueva e Mendoça por este lhe não haver dado o tratamento de excellencia, mas sim o de mercê.

O tal D. João de la Cueva era fidalgo cavalleiro da casa real, commendador de Santa Maria do Pinheiro Grande na ordem de Christo e administrador das casas de seus paes que tinham de rendimento perto de 40 mil cruzados por anno, mas foi tão bom administrador que, quando morreu em 1774 devia mais de 120 contos de réis e foi enterrado por amor do Deus. Era bisneto de D. Fernando Lobo de la Cueva, natural de Jaen e que era em 1640 governador da torre de S. Julião, que entregou sem resistencia, pelo que alem d'outras mercês recebeu a commenda que passou aos seus descendentes.

D. João matou o marquez com uma estocada, e em seguida ao assassinato ausentou-se para Hespanha.

Estas noticias encontram-se na *Resenha das familias titulares* de Feo, começada a publicar pela Academia e que não chegou a concluir, n'uma nota da pag. 274, dizendo ali o auctor que foi exemplo da verdade do rifão — quem com ferro mata com ferro morre — alludindo ao assassinato que o marquez havia praticado na pessoa do corregedor do Bairro Alto, Ignacio Sanchez, assassinato de que dá conta o artigo do *Diccionario Popular*.»

O DOMINGO DOS BÉBÉS

UM JANTAR MUITO EM CONTA

Conhecem o *restaurant do Leão d'Oiro*? Se o não conhecem escusam de ter pena por isso, pois que nada offerece de notavel, a não ser dois banquitos com a palhinha arrombada, e mais tres com taes ou quaes tendencias para imitarem a estravagancia dos collegas. No resto é exactamente como todos os *restaurants* mans, com excellentes donos e nenhum freguez, digo, alguns freguezes, peores que nenhuns.

Certa tarde entra por alli dentro um sujeito desconhecido, com ares de grão-senhor, que não condiziam muito bem com o vestuario.

Assenta-se, bate forte na mesa e pede com arrogancia:

— Um prato de sopa, *pelo meu dinheiro*.

Accentuou estas ultimas palavras como se dissesse: Quem paga quer ser bem servido.

Assim o entendem José da Motta, o dono que veio immediatamente satisfazer, cheio de risos, a requisição do seu hospede.

Acabada a sopa, exige o freguez:

— Um bife com batatas, *pelo meu dinheiro*.

E o José da Motta muito affavel:

— Meu senhor, não hade querer tambem um copinho de Carcavellos?

— Sem duvida, quero tudo o que possa ter *pelo meu dinheiro*.

E foi comendo e bebendo regaladamente.

Findo o repasto, bate na meza, e assim que o sr. José da Motta, sempre jubiloso, se lhe aproxima para receber a paga, elle mette os dedos no bolso do colete, tira um pataco de D. João VI e offerece-o a Motta, dizendo-lhe com todo o sangue frio.

— Eis aqui o meu dinheiro... todo.

— O que? brada o patrão do estabelecimento nas pontinhas dos pés, o que? Hade-me pôr para aqui a despeza, seis tostões, seiscentos e trinta, seu...

— O' homem, eu fallei bem claro; pedi para ser servido *pelo meu dinheiro*; você até me offereceu...

Nos poucos minutos que esta scena durou, a physionomia do José da Motta mudou mais de vinte vezes.

Por ultimo:

— O sr. é... sabe o que é... um patife, um brejeiro, um malandro maior da marca!

O freguez ouviu esta opinião com o respeito que todas as pessoas bem educadas devem ter pelas convicções dos outros. E o Motta:

— Repito, o senhor é um refinadissimo traste...

O freguez, sempre silencioso, fez um leve signal de assentimento, como se quizesse dizer: «agora acerto». Não passou despercebida esta circumstancia ao José, que era finório; tinha-se por isso: dando um estalo com a lingua no ceo da bocca, continuou o seu discurso da seguinte forma:

— Ora tome lá o seu pataco, e mais dez réis, com a condição que hade ir aqui ao meu vizinho da *Nova estrella* pregar-lhe a mesma partida. Perceben, seu patusco? ouviu, seu maganão?

O freguez acenou, sorrindo-se, que sim, que percebia. Ao retirar-se, quando já estava fechando a porta sobre si, disse para dentro com ar de esgarceo:

—Da *Nova estrella* venho eu; foi lá que me deram o pataco para esta brincadeira...

E concluiu com uma casquinada de riso, capaz de enfurecer o proprio Santo Antonio, quanto mais José da Motta, que nunca na sua vida chegou a ser santo.

Uma tranca! foi a primeira ideia que lhe acubiu á cabeça, uma tranca para quebrar nas costas d'aquelle maroto. A segunda ideia foi quebrar, em vez da tranca, o proprio maroto, e a terceira, a que finalmente realison, foi fechar a porta e ir-se deitar.

SOBREMEZA

DIALOGOS

—Ô visconde, em quanto avalia o meu amigo a sua fortuna?

—Mil e duzentos contos.

—Bonita conta, sim senhor! E como foi que arranhou tanta patacaria?

—Negocio.

—Negocio de quê?

—De pelles, com pretos dentro.

—Quanto valerão estas acções?

—Actualmente nada.

—E mais tarde?

—Conforme; talvez a costa d'Africa.

—Doutor, soffro immenso de gota; que me receita?

—Viver com tres tostões por dia, e ganhal-os.

—A sociedade anonyma é o caminho de ferro do credito.

—Sim... mas...

—A acção é o rail...

—Sim... mas...

—A industria é o vapor.

—Sim... mas...

—Os capitães são o carvão de pedra; queimam-se para fazer andar a machina.

—E o accionista?

—É o viajante que se transporta.

—Sem accidentes?

—Diabo!

—Bons dias, minha senhora.

—Bons dias, Manuel. Já sei que morreu tua mulher.

—Nem fallemos d'isso, minha senhora; e já depois me aconteceu outra grande desgraça.

—Sim? que foi?

—Morreu-me a vacca; fiquei arruinado; que ha-de ser agora de mim?...

—Vamos, não desesperes, Manuel; tens na aldeia muitos amigos que de certo vêm em teu auxilio.

—Ai! lá isso é verdade; já uns poucos d'amigos me tem offerecido outra mulher.

—Sim?!

—Verdade; outra vacca é que ainda nenhum me offereceu.

—Que tem você, homem? em que pensa? Acho-o macambuzio! ainda não abriu a boca.

—Está enganado; tenho-a aberto tantas vezes como você.

—O que? que diz?

—Digo-lhe isto: todas as vezes que você falla eu bocejo.

—Francisco, procure o chapéu d'este senhor.

—Espera... encontrei-o. Como demonio cahiu elle atraz do reposteiro! Previne o creado que não procure mais.

—Deixal-o. Se por acaso o encontrar fico com dois.

—Que fato tão *chic* tu hoje trazes! Bonito, palavra de honra; e muito bem feito.

—Tenho um alfaiate impagavel.

—Impagavel!!! Dizes-me onde elle mora?

—Disseram-me na *agencia* que v. ex.^a precisava de uma cosinheira.

—É verdade que preciso. Antes de mais nada, deixe-me prevenil-a de que costumamos passar seis mezes no campo, para onde partimos breve; convem-lhe?

—Conforme, minha senhora, preciso ver primeiro se me agrada a propriedade.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 120)

Mas não havia que hesitar.

N'uma tarde do principio de setembro, com uma temperatura agradabilissima, Yegor e Nadege sahiram de Yakutsk. Havia muito que Yegor fallava á familia do general em um passeio de dois ou tres dias, que desejava fazer pela margem direita do Lena, de todo em todo desconhecida para elle; pouco faltou para ter por companhia a filha mais velha do governador, que mais de uma vez deu mostras de querer ir tambiem.

Os fugitivos alugaram um bote para atravessarem o Lena, semeado de ilhotas, que o dividem em muitos braços. Um d'elles não tinha menos de uma legua de largura.

Graves, serios, como no principio de uma empreza arriscada, viram afastar-se sem a minima alegria a triste capital com as suas largas ruas desertas, as suas habitações melancolicas, sombrias, as torres das suas quatro ou cinco egrejas, e, a cavalleiro das choupanas miseraveis, to convento e o baazar.

A noite estava clara, cheia de estrellas. Nenhum ruido no campo. Nem uma sombra os acompanhava. Uma aurora tenuemente esbranquiçada pareceu annunciar-lhes no oriente o raiar de uma existencia livre e feliz.

—Coragem Yegor! murmurou Nadege, apertando a mão do rapaz.

—Ah! minha querida noiva, respondeu Yegor

sorrindo docemente; roubo-te, e tu deixas-me roubar-te! Nascidos ambos tão longe d'aqui, parece que vim buscar-te aos gelos da Siberia, para conduzir-te ao ninho quente da amizade, da dedicação e do amor! Tens saudades de alguma cousa?

—Tenho, de uma só.

—De qual?

—D'aquella sepultura ainda mal fechada, que sou obrigada a deixar...

E os olhos da pobre rapariga arrasaram-se de lagrimas, lembrando-se do pae. Yegor desviou a cabeça para occultar a commoção.

Um momento depois Nadege continuou a fallar.

—Tu amas-me deveras, Yegor? disse ella. O teu procedimento não é dictado por uma generosa obediencia ao supremo desejo de meu pae no acto de morrer?

—Oh! se te amo! respondeu Yegor, com enthusiasmo. Pedê-me a vida... e verás!

—A tua vida! E que faria eu sem ti em terra de exilio? Não. Se me amas, vive para mim. Sê livre, como mereces, e liberta-me tambem; ficarei sendo duas vezes tua!

Yegor apertou com força as mãos da noiva.

Meia hora depois, embarcavam na margem direita do rio. Em vista do seu *passé* Yegor obteve dois cavallos de muda: começava realmente a viagem.

Nadege, vestida de amazona, possuía uma figura elegantissima. Modesta como uma senhora bem educada, tinha comtudo aquella vivacidade de movimentos, aquella graça particular, que se adquire com a vida agitada do viajante.

Guiados por um yakute, que corria adeante d'elles, seguiram por muito tempo um caminho estreito, que ora serpeava por entre bosques de salgueiros, ora atravessava planicies cortadas de pequenos lagos. Era dia claro. De um dos lagos levantou-se um bando de patos. Yegor, que trazia uma espingarda «emprestada» pelo governador, matou tres.

Um instante depois, na extremidade d'um bosque de pinheiros, os cavalleiros apearam-se, e o guia accendeu lume, depennou as aves, e preparou o almoço como ponde.

Os viajantes approximaram-se do fogo, porque a manhã estava fresca.

Os patos assados, comidos com fatias de pão, que Yegor tirou de um sacco de viagem, acompanhados por «kumis» offerecido pelo yakut em troca de uma pinga de agua ardente, constituiram uma excellente refeição. Encheram d'agua uma cafeteira em uma lagoa proxima, e fizeram umas chiearas de chá.

—Ah! se estivesse aqui o nosso Ladislau! Talvez esteja agora com fome e frio!

—Não te dê isso cuidado, respondeu Yegor. O sr. Lalleur não lhe deixa por certo faltar nada.

Apenas acabava de fallar, appareceu no horizonte um homem a cavallo.

Nadege tremou de susto.

—Yegor, disse ella, seremos seguidos?

Yegor, preoccupado, cheio de cuidado, ollou para o sitio d'onde vinha o cavalleiro.

—Deve ser um viajante, disse elle; mas não é com certeza um indigena, vê-se pelo modo de

* Leite de burra fermentado.

trotar... é um europeu... provavelmente um russo.

Os yakutes tem vista de lynce. O guia principiou a examinar a pessoa, que tanto chamava a atenção. Deserveu minuciosamente o fato, a postura, o rosto.

— Se fosse o chefe de policia! murmurou Yegor armando a espingarda.

— Que dizes? exclamou Nadege. Receias algum perigo?

— Que perigo? respondeu Yegor, lançando para a noiva um olhar supplicante para que disfarçasse o medo aos olhos do guia. Não vamos nós para Aldanska? Será mais um... Aquelle homem não tem guia, nós o guiaremos.

— Estou convencida de que elle tem vindo sempre atrás de nós. Do contrario, ter-se-hia perdido... estes caminhos...

— Umás poucas de vezes quiz-me parecer ouvir passos de cavallo na nossa rectaguarda; não ha que ver. Em todo o caso, Nadege, conta que se alguém ousasse fazer-te o minimo mal, pagava-o com a vida.

Nadege aproximou-se de Yegor.

— Yegor, disse ella baixinho, se nós montassemos! Vamos ver se podemos escapar...

— É impossivel! respondeu Yegor abaixando tambem a voz. O guia não havia de querer ser nosso cumplice, iamós comprometter tudo.

— Ao menos, não te exponhas!

— Que dizes tu, Nadege? Acaso julgas que esperei tantos mezes o dia da nossa liberdade para obedecer sem resistencia a uma intimação... Sabes o que me espera?... o que te espera a ti? o que espera a teu irmão adoptivo? É a vida de todos nós, que me cumpre defender ou entregar.

— Defender? Por que meios, Yegor!

— Por todos os meios! replicou este. Dirigiu os olhos para o cavalleiro e exclamou: É Yermac! É o chefe de policia! Segue-nos... Julguei que se tinha esquecido... Caracteres d'aquella tempera só se esquecem com a morte...

— Fazes-me medo, Yegor! Estou-te desconhecendo!

— É que te amo, e querem separar-nos.

— Yegor, meu amigo, peço-te!

— Hei de fazer tudo o que depender de mim para harmonisar o que devo a ti com o que devo á honra e á humanidade... Se eu fosse um malfetor, submettia-me á vista da policia; mas sou um innocente, victima d'uma odiosa perseguição. Tenho por mim, por nós, o direito e, talvez, a força.

O yakute, isolado, estava ainda comendo os restos dos patos assados. Devorava com optimo appetite os bocados, que os viajantes pareciam deixar deante de si. Bebia com igual vontade copos cheios de kumis e de agua ardente.

Yegor não se tinha enganado. Era o chefe de policia, que se aproximava, que não fôra trazido pelo acaso ao caminho dos fugitivos. Desde um certo tempo, todas as vezes que o secretario do governador sahia de Yakutsk, Yermac mandava-o seguir. D'esta vez as suas suspeitas eram de tal ordem, que não quiz confiar em ninguem.

Quando teve a certeza de que o deportado

abandonava a sede do governo com a noiva, precedidos pelo filho adoptivo de Davidoff e pelo sr. Lafleur—o incorrigivel sr. Lafleur—persuadiu-se de que era com a firme tenção de não mais voltar. Quiz gosar do aere prazer de prendel-o na fuga. Yermac não era movido pelo odio, pela lembrança da afronta recebida; obedecia a um poder mais nobre, considerava-se instrumento da lei, obedecia ás severas obrigações do seu cargo.

A vinte passos de distancia do lugar, em que se achava Yegor, o chefe de policia apeiou-se, atou o cavallo a um pinheiro, e dirigiu-se para o deportado, que se levantou.

— Veiu dar o seu passeio, sr. Semenoff? disse Yermac com um sorriso nos labios— não um sorriso affectado, hypocrita, mas um sorriso de orgulhosa satisfação, de triumpho.

— É verdade, respondeu Yegor.

— E esta senhora, tão nova, tão gentil, repli-

reconciliavel; se deixasse, expunha-se a ficar com o caminho cortado. Offereceu-lhe o seu guia e a sua companhia até Aldansk.

Este offerecimento causou um certo espanto a Yermac, que deu mostras de acceital-o com verdadeira satisfação. Agradeceu ao deportado e acrescentou:

— Quem nos diria, quando ambos estávamos em Uktul, que nós havíamos de encontrar no paiz dos yakutes por uma formosa manhã de setembro?

— Não me falle da mina, disse Yegor... Isso me obrigaria a discorrer sobre cousas, que lamento profundamente, pôde crel-o.

— Pois deixemo-nos d'isso! exclamou Yermac seccamente, e corou.

O deportado notou que n'aquellas palavras não havia o minimo desejo de proporcionar uma reconciliação.

— Julguei que por este caminho não podiam passar carruagens, disse Yermac. E mostrou os vestigios da pequena carroça do sr. Lafleur, olhando com grande attenção para o deportado.

— Tambem eu julgava, respondeu Yegor. Tinham-m'o dito, mas vejo o contrario. Acabámos de almoçar, proseguiu elle, patos bravos que matei n'uma lagoa. Vou ver se mato mais dois ou tres para o jantar... sempre é melhor que bolacha secca.

— Espero-o aqui, disse Yermac.

— Não caça? Então para que lhe serve essa espingarda?

O chefe de policia queria descortinar um pensamento reservado nas palavras de Yegor Semenoff e o convite que n'ellas se continha. Mas recebeu apparentar medo e respondeu immediatamente:

— É verdade! porque diabo não irei tambem caçar? Aqui me tem por companheiro.

Yegor ordenou ao guia que fosse adeante, e pediu a Nadege que montasse. Fez um signal, e o cão Wab collocou-se junto d'ella. O yakute, a pé e psalmeando um improviso, conduzia pelas redeas o cavallo de Yegor e o do chefe de policia.

Nadege, antes de se afastar, dirigiu ao noivo um olhar supplicante,

cuja significação generosa não passou desapercibida para o deportado. Os dois caçadores, desconfiando um do outro—esta desconfiança acaba va de nascer repentinamente no espirito de Yegor—principiaram a caçar á roda do lago n'um terreno coberto de cedros. Nadege ouviu-os varias vezes descarregar as armas. Chegou até a ver de longe cahirem algumas aves feridas pelo chumbo. Este facto não a tranquillizava completamente. Se ella podesse ter visto de perto o noivo com os olhos espantados, mordendo os beiços, as mãos tremulas, teria recciado que praticasse alguma violencia: Yegor agitadissimo, louco, já não recuava deante do pensamento de um crime. Carregou a espingarda com bala, e sem hesitar, quando Yermac fazia pontaria a um pato que levantara o vôo, Yegor apontou-lh'a á cabeça e desfecho.

(Continua.)



UM MANUSCRIPTO DO PENTATEUCO

cou Yermac, não tem medo dos maus caminhos, nem dos maus encontros?...

Nadege inclinou a cabeça, corando e empallidecendo alternativamente.

— Vamos a Aldanska, disse Yegor, com affectada negligencia. Eu e a minha noiva temos desejo de ver esta parte do paiz... que apenas conhecemos por vagas descripções...

— Dos negociantes que frequentam a feira de Yakutsk? adicionou Yermac com intençação ironica, perfectamente comprehendida por Yegor. Tambem eu vou para Aldanska.

— Deveras? disse Yegor, tambem em tom ironico.

— O peor é que não conheço o caminho senão por esta indicação: seguir sempre a margem direita do Lena.

O chefe de policia não trazia quem o guiasse, e Yegor tinha o maior empenho em o não deixar passar adeante, porque via n'elle um inimigo ir-